

# Mulher, trabalho e Covid19

**Carla Augusto Pepe**

*carlapepe@gmail.com*

**Renata Mendes da Silva Pinheiro**

*renatamendez@gmail.com.br*

A Pandemia chegou, nos arrebatou para as nossas casas com toda a vida cotidiana que acontecia lá fora. Trabalho, família, escola, tarefas domésticas, exercícios físicos, encontros, desencontros, tudo acontecendo aqui e agora dentro do espaço doméstico.

Fomos impulsionadas a habitar o nosso lar, as nossas mazelas, intensidades, humores e amores. Fomos impelidas a assistir noticiários, ler matérias, conhecer um novo modo de cuidar e ser cuidado. Também vieram os temores, tremores, certezas e incertezas. Assistimos e sentimos a vida num limiar. Não que ela já não esteja. A pandemia nos colocou em outros ritmos, outros focos e ampliou os desníveis. E todas essas vivências nos dão subsídios para refletir sobre as intensidades da relação mulher e trabalho que emergem com mais clareza no contexto de Pandemia.

Vivemos um tempo de vida sem separações: dos horários, dos espaços, dos grupos sociais, do cuidado, do descanso. Embora surjam milhares de recomendações de organização da rotina, das metas, dos projetos, dos modos de como se portar em videochamadas. Não tem jeito, a vida escapa. O gato deita do lado do computador. O cachorro late. O vizinho coloca um som alto. O filho passa por trás de você enquanto está numa reunião importante. O carro do ovo para na sua porta. Acostumadas a neutralizar os fluxos da vida, protegidos nos escritórios, nas salas acústicas, nos laboratórios descontaminados, nas agendas inflexíveis, nas vestimentas apropriadas, fomos invadidas pelo fluxo vital, onde nada parece estar amortecido.

Temos a impressão que nós mulheres sempre vivemos nesses fluxos: a preocupação com o filho que foi com febre para a escola, com a roupa que precisa ser lavada, com a conta a ser paga, com o mercado que está em promoção, com quem precisa de cuidados. Parece que a Pandemia escancarou e evidenciou aquilo que era ocupação restrita, pessoal e proibida de se evidenciar. Evidenciou as redes de sustentação que viabiliza o sair para trabalhar. Evidenciou as fragilidades da vida moderna que nos isola na solidão quando essas redes não podem funcionar. Evidenciou que precisamos, necessitamos de nós mesmos e de muitos.

É a partir desse olhar que fizemos a nossa opção de escrita aqui. Uma escrita feminina. Somos mulheres, trabalhadoras, cuidadoras, mães, companheiras, amigas. Múltiplos fluxos que percorremos e somos percorridas. Assim, irrompe nesse texto aquilo que nos atravessa: e a mulher, trabalho e Pandemia? Como vão?

Ao analisarmos o mundo do trabalho e suas interfaces com a saúde, é necessário conhecer a divisão sociosexual do trabalho. A categoria gênero e etnia atravessam as nossas posições sociais e definem os lugares, a hierarquia, os acessos que teremos. Estudos apontam que mulheres brancas sofrem mais do que homens brancos. Mulheres negras são ainda mais atingidas do que as mulheres brancas. Somos mais expostas a riscos e pressões sociais que homens. Face a isso, temos o caso emblemático da trabalhadora doméstica que foi contaminada por Covid19 na casa onde trabalhava, sendo o 1o caso de óbito confirmado no Rio de Janeiro. A informação do acometimento foi negligenciada da família e imposta a manutenção do cuidado sem se disponibilizar suporte a trabalhadora (Antunes, 2020).

O relatório da pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, traz elementos para pensarmos. Este documento foi desenvolvido a partir de uma pesquisa com moradoras das áreas rurais e urbanas do Brasil. E teve como objetivo dimensionar os impactos de uma crise sanitária, o aumento das desigualdades e sobrecarga dos trabalhos domésticos e dos cuidados de outrem. Também procurou identificar as alterações nas relações vida, saúde e trabalho de mulheres (SOF, 2020). Os dados coletados apontam que 50% das mulheres passaram a cuidar de alguém durante a pandemia de covid-19, 72% afirmaram que aumentou a necessidade de vigilância e monitoramento dos indivíduos que estavam sob seus cuidados. Junto a isso, 41% afirmaram trabalhar mais neste período, 40% relataram que estavam em situação de risco devido ao momento pandêmico, destas 55% eram negras. No que diz respeito à negritude 58% das mulheres desempregadas eram negras e 61% estão no que se chama economia solidária. A pesquisa revela as inter-relações constantes entre: produção e reprodução; trabalho remunerado e não remunerado; Trabalho no campo e urbano. Ou seja, a inseparabilidade das dimensões concretas da vida e do trabalho das mulheres. Outro aspecto é a violência contra a mulher e a invisibilidade do trabalho doméstico e de cuidado.

No cenário internacional, professoras da Espanha criam o projeto “Conciliação familiar em tempo de confinamento pela covid-19” (Family reconciliation in times of confinement, na denominação em inglês), e chegam à conclusão de que mulheres com filhos pequenos e em trabalho remoto tem maior sofrimento no confinamento. O estudo revela que as mães “sentem que estão o dia todo trabalhando”, que o monitoramento escolar dos filhos sob a responsabilidade delas e foi se transformando em mais um fator de ansiedade e estresse. Elas relatam no projeto que a estratégia para trabalhar é usar o período da madrugada, adiar o horário de ir para cama ou levantar antes da família. (El País, 2020)

No cenário acadêmico, um projeto brasileiro “Maternidade e Ciência” procura calcular o dano da pandemia e da desigualdade de condições para docentes, pesquisadores e alunos de pós-doutorado, doutorado e mestrado. Perguntados sobre ter um artigo científico quase pronto

ou em vias de publicação: 40% das mulheres sem filhos não concluíram seus artigos, contra 20% dos homens na mesma situação. Nas famílias com filhos, 52% das mulheres não concluíram seus artigos, contra 38% dos homens. Já a renomada revista Comparative Political Studies informa que as entregas de artigos escritos por homens aumentaram em quase 50% em abril.

Seja em trabalho remoto, seja no presencial, no coração do cotidiano, está o trabalho feminino, como dimensão pulsante e motor da reprodução humana, social e da força de trabalho. Os impactos da pandemia potencializam ainda mais a divisão sexual e racial do trabalho. Nas condições de confinamento, aumentam as cargas de trabalho doméstico e de cuidados com outrem, sejam filhos ou parentes. Além, de que mesmo que tenham suporte de outras trabalhadoras, estas também são mulheres. Afinal, o trabalho doméstico tem sido uma carga feminina. Também é fundamental destacar o número crescente de casos de violência contra mulher e feminicídio: nos tribunais de justiça as queixas chegaram a aumentar 50% durante o período de pandemia de SARS-COV-19.

As poucas iniciativas de proteção surgem muitas vezes numa lógica do que vamos chamar aqui de “proteção café com leite”. As matérias jornalísticas denunciam as sobrecargas, mas são poucas as saídas compartilhadas por esses meios. As políticas governamentais são recentes, iniciaram em 2000, e encontram dificuldades diante da PEC dos gastos (PEC 241-55).

Diante do reconhecimento das múltiplas jornadas, as alternativas para sempre darmos conta tem sido, por muitas vezes, os acordos de extensão de prazo para a entrega de trabalho, a determinação de tarefas mais “automáticas”, a flexibilização dos horários, o contar com outras mulheres para o cuidado. Tais iniciativas distribuem um pouco o peso da jornada, mas não nos desobriga da culpa e de todas essas tarefas, ditas femininas. Parece-nos uma proteção que nos mantém no mesmo lugar.

No contexto de Pandemia a expectativa de que teríamos mais tempo para os filhos, para a casa, emergiu com a intensificação do trabalho, do tempo, da exploração, da violência agravados pelo isolamento dos pares, atores essenciais na construção das estratégias emancipatórias que auxiliem na construção de alternativas inventivas de um novo modo de vida. Nossos corpos sentem a sobrecarga e a falta das redes de apoio, antes encontradas.

Mesmo diante do cenário escasso de políticas públicas de proteção que dêem visibilidade a tais questões encontramos nas entrelinhas cotidianas: rede de mulheres em solidariedade para arrecadar alimentos destinados a outras mulheres cuja renda foi reduzida; Mulheres que se revezam no cuidado dos filhos; Encontros virtuais de leitura; redes de enfrentamento da violência. O compartilhamento das experiências de sofrimento e de crise podem ajudar a enfrentar esse momento e identificar novas redes de apoio.

Se reconhecemos o trabalho de mulheres como essencial para o avanço da sociedade, tanto na esfera doméstica, do cuidado, dos escritórios e fábricas, precisamos de projetos de

sociedade que apoiem essas mulheres. Somente políticas estruturais serão capazes de enfrentar a ampliação da desigualdades e da sobrecarga das mulheres no mundo do trabalho. O trabalho das mulheres, em seus vários universos, precisa ser valorizado, dividido e reorganizado para andarmos muitas casas no sentido de uma sociedade melhor num mundo pós-pandemia.

É fundamental desconstruir e desmistificar o lugar da mulher no cuidado, tanto da casa quanto das pessoas. Lugar de mulher, é literalmente, onde ela quiser.

#### Referências Bibliográficas:

**Antunes, R.** Coronavírus: O trabalho sob fogo cruzado. E-Book. São Paulo, Boitempo, 2020

**SOF (Sempreviva Organização Feminista).** Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, São Paulo, SOF, 2020. Link: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br>

El País. Trabalho de Madrugada porque não dou conta de tudo em casa na nova normalidade. 28 de maio de 2020.

<https://brasil.elpais.com/smoda/2020-05-28/trabalho-de-madrugada-porque-nao-dou-conta-de-tudo-em-casa-a-nova-normalidade-massacra-as-mulheres.html>

**Parent in Science.** Como a Pandemia de COVID-19 está afetando a vida de cientistas no Brasil? Relatório. 2020. Link: <https://www.parentinscience.com/>